

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUZA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULLIÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,520 rs. — Trimestre 1,000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 24. — SABBADO, 11 DE JUNHO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,500 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5,500.

SUMMARIO.

O reino das flores (continuação) — A caixa do doutor (continuação) — A idade media e a Igreja Catholica (continuação) — O castello de Moura. — O segundo duque de Lafões (conclusão) — Ilhas de Falkland — O castigo — Santa Maria do Olival em Thomar — Antonio José da Silva — Presente ao rei de Sião — Miscellanea — Bibliographia. — Gravuras — Presente ao rei de Sião — O castello de Moura — Gaucho deitando o laço aos cavallos bravos — Santa Maria do Olival em Thomar — Encontro de um leão.

O REINO DAS FLORES.

(Continuado do n.º 22.)

IV

Livros — litteratura — bibliothecas — estatistica — medicina e seu livre exercicio — mathematica e outras sciencias.

Ainda que a litteratura na China seja muito animada pelo governo e pela opinião publica, contudo tal animação nunca chega a promover vantagens pecuniarias aos litteratos. No celeste imperio, como em Portugal, não se faz fortuna pelas letras, e ainda menos escrevendo novellas, romances, poesia ou obras dramaticas; producções a que se dá tão pouca importancia no reino do meio, que seus auctores sempre as publicam anonymas. No conceito geral não merecem o nome de livro; o que só se concede ás obras de historia, de moral, de geographia, de estatistica, de artes, de sciencias, ou outras analogas.

A litteratura amena não tem entre os chins verdadeiro merecimento. Reputam-na mero passatempo de ociosos, tanto em relação ao escriptor, como aos leitores de taes curiosidades. Tasso, Camões, Cervantes, Racine, Walter Scott ou Dumas, nunca chegariam a ser conhecidos no celeste imperio. Bem maravilhados ficariam os litteratos do reino das flores, se soubessem que uma obra, cujo merito principal consiste no estylo, é ás vezes na Europa origem de grande reputação e muitas vezes de igual riqueza. Se alguém lhes dissesse que certos auctores adquirem grande celebridade só por haverem composto um romance, um drama ou um poema, não o acreditariam, ou resultaria d'ahi confirmal-os na opinião em que tem os europeus de faltos de senso e circumspecção. Completamente loucos nos julgariam, se podessem acreditar que uma dançarina, uma cantora, ou um tocador de piano ou de rebecka, podesse por taes dotes adquirir fama, gloria e dinheiro.

Participamos um tanto da opinião dos chins. Nunca fomos exagerados amadores da musica ou da dança, e menos o ficámos depois que visitámos o celeste imperio. Pa-

rece-nos que tem razão os criticos da nação central. As bellas artes merecem, sem duvida, animação e culto, sobretudo a pintura e esculptura, que reproduzem a natureza, ou a sublimam, idealizando-a. Mas que algumas notas dadas com mais ou menos perfeição no canto ou nos instrumentos; que alguns saltos mais ou menos ageis e graciosos, produzam no publico um entusiasmo, que muitas vezes raia no delirio; que isso se pague por preços fabulosos, e excedentes aos salarios dos maiores cargos publicos, nas nações que melhor os retribuem; que occupe todas as atenções das classes elevadas; que dê assumpto a interminaveis escriptos de poetas e prosadores. — é o que na verdade nos parece impossivel de justificar perante um raciocinador do reino do meio. A nosso ver, a monomania filarmónica e dançatriz, é um dos ridiculos do nosso seculo, que dará largo assumpto aos escriptores satiricos da posteridade.

Os chins são assás positivos e utilitarios para poderem presar as artes da mesma maneira que nós. Entre elles só é digno de estima ou admiração, quem cumpre com os deveres sociaes, ou, antes, quem é mais habil nos negocios da vida. Adquire-se reputação de homem de espirito e de intelligencia, não quando se possui instrução, e se cultiva com exito a arte de escrever, mas sim quando se sabe ser bom chefe de familia, tirar proveito das suas propriedades, manejar os negocios com pericia e realizar grandes lucros. O genio pratico é o unico que tem valor no modo de pensar deste povo extraordinario.

Sem embargo, o povo lê com avidéz e verdadeiro prazer as producções ephemeras, ou de pura distracção dos letrados, e compraz-se principalmente com as biogra-

phias dos grandes criminosos no imperio, e com as narrações em que predomina o sobrenatural.

Os gregos povoaram o Oriente de monstros e entes chimericos. Os chins tiraram boa desforra: é sempre no Occidente, para além dos grandes mares, que collocam os homens-cães, um povo com orelhas tão compridas que chegam ao chão; o reino das mulheres, e outro, cujos naturaes tem um buraco aberto no peito; de modo, que quando os mandarins destes singulares paizes da Europa tem de fazer alguma jornada, são por dois conductores enfiados n'uma vara que lhes passa pelo peito, e confortavelmente embalados á maneira d'um pendulo, se transportam, dois ou mais, segundo o vigor dos portadores, por aquellas fabulosas estradas do Occidente. Os novelleiros do celeste imperio gosam, pelo menos, de tanta fertilidade de imaginação como alguns dos seus collegas europeus.

Ainda não ha um anno que se lia em todos os jornaes estrangeiros, e se reproduzia nos periodicos de cá, a maravilhosa descripção d'um individuo com a cavidade thoracica entreaberta, o que permittia a inspecção de todas as visceras superiores, gosando aliás de optima saude. Isto prova que o *canard* é uma ave que se dá tão bem nas folhas dos nossos periodicos da Europa, como nas das arvores embalsamadas do reino das flores; e que se engole com tanta facilidade entre as aspirações do opio, como no meio das ondulações do fumo do envergonhado charuto portuguez.

Os livros sagrados e os classicos é que merecem grande veneração dos chins, e bem assim as obras historicas, que são nas que mais abunda a sua litteratura. Além dos annaes do imperio, cada provincia, cada districto, cada cidade tem sua historia-estatistica particular, sempre continuada em novas edições. Costumam estas historias parciais ser divididas em cinco partes: contem a primeira a descripção do paiz; trata a segunda dos impostos, a terceira dos monumentos antigos, e as duas restantes trazem os elogios de homens e mulheres illustres: as mais das vezes não se referem esses elogios senão a virtudes domesticas.

Do resumo biographico que fizeram os jesuitas, consta haver trez mil e seiscentas personagens illustres na historia da China, e perto de duzentas mulheres dignas de passarem á posteridade por suas acções e virtudes.

O pequeno districto de Heang-shan, em que está situado Macau, tem seus annaes, e a ultima edição feita em 1818 consta de seis volumes.

Vê-se, por tanto, que a fecunda idéa da generalisação da estatistica por todos os centros de população, já se acha desde muitos seculos praticada e diffundida no celeste imperio; quando na Europa só em nossos dias começou a tomar corpo, recebendo ha dois annos apenas mais dilatado impulso no celebre congresso de Bruxellas,



Presente ao rei de Sião.

celebrado em setembro de 1853. Attendendo á quasi immutabilidade das instituições chinezas, e guardadas as devidas proporções entre civilização e civilização, ha muita razão para louvar esses trabalhos historicos-administrativos dos chins.

A litteratura chinesa é sem duvida a primeira entre as da Azia, pela importancia e prodigiosa quantidade dos seus monumentos. Para se fazer idéa d'isto basta saber, que o catalogo da bibliotheca imperial de Pekim, comprehende doze mil titulos de obras, sobre as quaes dá noções bastante minuciosas. Catalogos por este methodo, deveriam ser adoptados nas nossas livrarias publicas, para no primeiro relance se conhecer aproximadamente a importancia das obras, e com facilidade se estudar o valor bibliographico d'uma bibliotheca. É sabido quão deficientes são os catalogos das livrarias publicas, mesmo na simples escripturação, sendo aliás facil melhora-los e successivamente aperfeiçoal-os de futuro, destinando-se mais um empregado de provado merito e erudição, para semelhante serviço em cada estabelecimento destes.

Nos principaes catalogos chinezes, a litteratura se divide em quatro grandes secções. A primeira, livros sagrados, ou classicos; a segunda, obras historicas, de que se contam vinte e quatro completas, relativas ás diferentes dynastias anteriores á actual dynastia mantchu, ou dos Tsing; não incluindo grande numero de chronicas e memorias. Só a primeira collecção historica, coordenada por um historiador imperial no ultimo seculo anterior á era christã, contém cento e trinta volumes. A terceira secção comprehende as obras especiaes sobres ciencias; e a quarta, as produções da litteratura amena, taes como poesias, dramas, contos e romances.

Na China não ha bibliothecas publicas, nem gabinetes de leitura. Comtudo, os que tem gosto pelas letras e desejo de se instruir, podem facilmente adquirir livros, que em nenhum paiz do mundo se vendem tão baratos. Alem, d'isto, os chins nunca falta que ler. Por toda a parte que lancem os olhos encontram esses caracteres de que tanto se ufanam, e que os europeus tão extravagantes acham. Póde-se de algum modo dizer que a China é uma immensa bibliotheca; porque as inscrições, as sentenças e as maximas invadiram tudo. Não ha lugar onde se não encontrem escriptas em todas as côres, e em letras de todas as dimensões. As fachadas dos tribunaes, dos pagodes e dos monumentos publicos; as taboetas dos logistas, as portas de todas as casas, os corredores, os quartos, os logares mais reconditos das habitações, tudo, tudo está ornado com os mais bellos trechos dos melhores auctores. As chicaras do cha, os pratos, os vasos de qualquer fórma, as caixas, os leques, são outras tantas collecções de poesias, escolhidas ordinariamente com gosto, e impressas com elegancia. Na casa mais pobre de qualquer insignificante aldéa, onde muitas vezes faltam as cousas mais necessarias á vida, ha sempre certeza de encontrar algumas maximas sublimes, escriptas em tiras de papel vermelho, colladas a qualquer taboa ou parede.

Nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra, vae-se pondo ao serviço da instrucção popular esta maneira de ir visualmente recordar a todas as horas, entre o recreio da pintura que tanto captiva os olhos, e os prazeres da mesa, os mais solidos preceitos da moral e da economia social e domestica, e ainda mesmo deleitar com a poesia, a rima e a musica. Os utensilios instructivos e illustrados, principalmente de loiça e de tecidos estampados, são pura imitação chinesa aperfeiçoada.

Este e outros antigos usos dos chins, tem, por assim dizer, democratisado a sciencia naquella paiz, achando-se como que diluida no grande oceano popular. Tem ganho em extensão, o que jamais obteve em intensão. O povo é o seu depositario, pela tradição e pelos escriptos avulsos; de modo que é quasi impossivel a qualquer, pela falta de centros regulares de instrucção publica, iniciar-se completamente n'um ramo dado dos conhecimentos humanos. Até mesmo as ciencias moraes e o direito, tão apreciadas pelos chins, não tem uma faculdade especial de ensino, e por isso talvez os misteres de jurisconsulto e de advogado são desconhecidos no reino do meio, onde não ha jurisprudencia propriamente dita.

Na China cada um advoga a sua causa como pode, e cada magistrado encarregado de applicar as leis, as interpreta a seu talante, ou segundo o espirito geral da legislacão. Não ha porém corpo de doutrina que regule os principios do direito chinês. Existe, é verdade a famosa collecção intitulada *Leis e estatutos da grande dynastia dos Tsing*, que foi traduzida em inglez sob a denominação de *Codigo penal da China*, mas que comprehende legislacão sobre todos os assumptos civis, criminaes, militares, fiscaes, etc., o que não supprime porém a philosophia do direito. Este codigo, dizem os escriptores europeus que o tem estudado, que apesar das suas muitas imperfeições e de varios preceitos extravagantes e mesmo atrozes, pode ser considerado como um dos melhores monumentos de legislacão.

No estudo da medicina succede o mesmo: não ha escolas nem cursos desta faculdade; não existe tratado algum regular da sciencia. Estudam um sem numero de livros, por onde estão disseminados alguns principios scientificos, constando em grande parte de collecções de receitas. Empregam ha seculos a inoculação para prevenir as bexigas, e affirmam-se que conhecem a circulaçao do sangue, tendo encontrado certas relações entre ella, e o movimento solar; mas a disseccão d'um cadaver fóra

o cumulo da impiedade para aquella boa gente, que tanto a sangue frio sabe estrangular os vivos.

Os medicos, admittem diferentes pulsos no braço, que dizem corresponderem ás principaes entranhas, e pela simples inspecção delles fazem o diagnostico da molestia, conduzindo-se depois ás cegas na applicação therapeutica, ou as mais das vezes pelas regras de ignorante empirismo.

Os calendarios chins designam o tempo proprio para as sangrias e laxantes, contendo outros semelhantes erros e futilidades como entre nós o *lunario perpetuo* ou a *Donzella Theodora*, que ainda por esses campos fazem as delicias da parte mais ignorante do povo.

Na China é inteiramente livre o exercicio da medicina, e tão livre como o ensino publico. O governo em nada o fiscalisa; pelo principio analogo, de que o interesse que cada um tem pela propria saude, o fará procurar medico digno de confiança.

Qualquer que tenha lido alguns livros de receitas e aprendido a nomenclatura dos medicamentos, adquire direito salvo para curar ou matar o proximo. Apesar disto a proporção da mortalidade não é maior na China do que na Europa, e os praticos chins, ou mestres, como lhe chamam em Macau, fazem curas maravilhosas e que confundem os facultativos europeus, principalmente nas fracturas de ossos.

Estando ao alcance de todos exercer a medicina, a condição dos medicos no reino do meio está bem longe de ser tão vantajosa e honrada como na Europa. Muito poucos adquirem fortuna, e a maior parte delles vive tão miseravel, como os seus consocios mestres de instrucção primaria.

Os doutores chins gostam muito das especialidades, e se occupam exclusivamente de certas molestias. Ha medicos para as doencas que provém do frio, para as que derivam do calor, para creanças, para mulheres e para velhos. Até os ha para funcionarem como ventosas, applicando a boca, como vampiros, para sugarem o sangue ou fazer rebentar tumores. As doencas dos olhos, dos ouvidos e dos pés são da competencia dos barbeiros, que com isto tem o singular privilegio de pescar rans.

As ciencias naturaes e mathematicas não entram em cousa alguma no systema do ensino. Entretanto á vista dos productos da industria chinesa e das suas construcções e obras d'arte é forçoso admittir que na nação central ha, como em muitas outras, physicos, chimicos e mathematicos. É certo que as noções que elles possuem não se acham formuladas em principios e systemas, mas não deixam de constituir uma base scientifica, que vae perder-se na mais alta antiguidade e que se transmite de geração em geração, ou que se acha disseminada nos livros que ensinam a pratica de certas artes e officios. Entre outras, é esta uma das causas do estacionamento, ou nenhum progresso, que, desde muitos annos, se observa em todos os ramos da industria e de conhecimentos na China, que hoje vão em rapida decadencia em relação aos tempos antigos.

Na geographia é que os chins ultimamente se tem adiantado alguma cousa. Nota-se entre a classe instruida muita propensão para este estudo, e para o conhecimento dos povos estrangeiros. Depois da guerra com os inglezes, tem apparecido varios tratados de geographia muito completos e bem redigidos. Na mathematica superior e na astronomia, é que os eruditos do celeste imperio se conservam no maior atraso. Os mais instruidos, sabem apenas que existe tal sciencia, ou, como elles lhe chamam, a *litteratura celeste*; mas ignoram os primeiros elementos d'ella, e já se reputam muito avançados aquelles para quem os eclipses são phenomenos naturaes, e não alguns dragões que tentam devorar o sol ou a lua. Depois que os missionarios foram expulsos de Pekim, e deixaram totalmente de fazer parte do tribunal das mathematicas, o governo imperial vê-se na necessidade de mandar a Cantão todos os annos o novo calendario, para o fazer corrigir pelos europeus.

Não é a falta de aptidão que conserva os chins em profunda ignorancia ou atraso a certos respeitoes. Sua grande intelligencia, penetração e incomparavel paciencia, os levariam de prompto a grandes e rapidos progressos; mas além do deefito acima apontado na organisação dos estudos, da falta de cursos regulares e de escolas de ensino superior, tambem muito influe para esse atraso a indole egoistica e utilitaria dos habitantes do reino do meio. Elles nunca estudaram as ciencias pelo amor do saber, mas só com o fim pratico e positivo. Os conhecimentos que tem relação com a physica, a chimica, a astronomia ou as mathematicas, só os consideram como meios de adquirir, ou de ganhar *sapecas*; e seguramente os cultivariam com ardor, se se persuadissem que com isso conseguiam fazer fortuna em pouco tempo. Riem se, porém, da nossa candidez, quando lhes inculcamos esses estudos como tendentes a cultivar-lhes o espirito, e a alargar a esphera da sua intelligencia.

Continua.

C. J. CALDEIRA.

A CAIXA DO DOUTOR.

(CONTINUAÇÃO DE UM CONTO DE HOFFMANN.)

Como era natural nos primeiros dias, a saudade da minha terra, que nunca abandonara, a falta dos carinhos de familia, e um certo receio, bem fundado, a respeito

do caracter d'um thio, que nunca vira, me fizeram por varias vezes rebentar as lagrimas dos olhos. Depois os desejos de ver a cidade, que bem ao contrario da opinião geral se me representava em sonhos como um paraizo, foram affagentando pouco a pouco estas lembranças: o caminho começou a parecer-me infinito e a todo o momento perguntava ao guia se estavamos muito longe da cidade.

Este surria-se da ingenuidade da pergunta, e eu caía de novo nos meus pensamentos tristes ou alegres conforme se referiam a aldéa ou a Lisboa.

Entre os primeiros um havia sobretudo, que raras vezes me desamparava. Força é confessal-o, a affeição que me recordava, tornava-o superior, para mim, á lembrança de pae e de mãe. Eram saudades de Maria, dos primeiros amores, que deixava em prantos, não sem mil juras de fidelidade, não sem mil protestos reciprocos d'uma paixão eterna.

O meu amigo, que é rapaz, deve saber por experiencia propria, o que são os primeiros amores; que saudades, que deixam, que prazeres trazem consigo; mas tambem que feridas tão fundas que abrem quando perdidos. Aquelles meus eram um idyllio de Gessner, uma poesia pastoril de Florian. Como um e outra começaram surrindo entre a singelleza dos campos e o desabrochar mimoso das flores silvestres: depois as flores murcharam, os campos cubriram-se de matagaes e em vez dos idyllios e das poesias pastoris ficou uma pagina negra d'um romance de Soulié, eivada por todos os horrores e decepções do mundo em que vivemos.

Nos primeiros tempos da infancia, uma criada velha, que me servia de aia, era quem me acompanhava a passear, quem me ensinava a ler, quem me educava e quem substituia minha mãe nas occasiões, que ella não podia vigiar por mim. Tambem como se fosse mãe lhe queria, e como tal a respeitava.

De tarde, depois de jantar, quando as geadas, ou as chuvas o não impediam, era com ella, que mais gostava de sair; porque além de me deixar em liberdade, contava-me historias de fadas e cavalleiros andantes, que tanto me influíam, e em que muito me enlevava. Era costume nosso ir ao pôr do sol para debaixo de alguma arvore mais copada, ou ao pé de alguma fonte mais susurrante sentarmo-nos ambos; ella contando-me os seus contos, eu ouvindo-a entretido ou merendando dos restos do jantar, que sempre guardava. Foram os melhores tempos da minha vida, e que por isso tanto gosto de recordar, como o peregrino do deserto lembra com prazer o oasis, onde reponso das fadigas, e onde mitigou a sede d'aquelles plainos aridos, descansando á sombra das palmeiras e bebendo da agua da nascente.

Havia entre todos, um lugar para onde mais ordinariamente tendiam os nossos passeios da tarde. Chamavam-lhe a *fonte dos suspiros*, e o nome bem quadrava áquella estancia, porque raro seria que alguém ao abandonal-a não suspirasse por ella. No socaleo de uma montanha, abrigada do vento do norte, cortejada pelo sol, mal apparecia no horizonte; saudada por elle ainda ao despedir-se no pôr do dia, tinha o quer que era d'aquellas paragens encantadas dos contos de minha boa Gertrudes, onde o cavalleiro ao partir para longes terras vinha á beira d'uma fonte despedir-se de sua amada e repetir os protestos d'um amor de toda a vida. Como n'essas mimosas novellas, não poucas vezes me parecia ver surdir do meio d'aquellas aguas cristalinas sacudindo os cabellos dourados, uma fada bemfazeja, que vinha entregar um talisman ao guerreiro, e uma prenda á virgem enamorada. Então pedia á minha boa aia, que repetisse os seus contos e remontando-me áquelles tempos felizes, parecia-me que a paisagem que nos cercava, prestava a cór local a essas tradições poeticas.

Effectivamente seria difficil encontrar outro sitio, como aquelle era, tão apropriado para as scenas romanescas dos tempos da cavallaria.

Entre a montanha e a fonte, um bosque de loureiros, onde os rouxinoes vinham ao descaír da tarde soltar os seus melancolicos trinados, trepando pela encosta acima deixava ver a recortar-se pela parte superior o cume agreste da serra coroada de gelos eternos. Parecia um filho no vigor da mocidade enfeitado pelas louçanias todas dos primeiros annos, que se encosta ao pae, ancião venerando de frente respeitosa e cans alvejantes. Aos pés do bosque, um regato, que trasbordava da fonte, como uma fiada de perolas do regaço muito cheio d'uma donzella vaidosa, corria serpejando por meio de prados de violetas e balsas indo abraçar-se com um rio do qual as escuras azenhas, avultando ao longe, augmentavam o susurro das aguas com o ruido monotono de suas rodas incançaveis.

Para o sul e poente uma floresta de castanheiros e carvalhos, pelos quaes subiam as vinhas pendurando os seus cachos escuros com a mesma indolencia com que uma amante apaixonada se deixa pendurar descuidosa dos braços do seu querido, encaixilhavam o quadro e deixavam penetrar, amortecendo-os, os raios do sol, quando baixava nos ceus. Em fim para o nascente os olhos perdendo-se por extensas campinas verdejantes de searas e vinhas, cortadas por innumerados trilhos que os vallados florejantes bordavam, iam repousar no eremiterio do lugar, alvejando longe, a apontar-nos para o ceu. Era como um velho respeitavel, que, avaliando devidamente as cousas do mundo, lembra aos novos a morada eterna para onde o encaimham os annos e cujas portas lhe abriram as virtudes.

No centro de todo este panorama a fresca fonte assombreada por carvalhos frondosos, e cercada de bancos rústicos de cortiça, que convidavam a descançar.

Acredite-me amigo, se não receiasse, que os olhos amortecidos pelo brilho factício das salas e da cidade, me não podessem traduzir hoje os encantos daquella solidão, e se ella se conservasse como d'antes estava, abandonaria tudo o que me cerca, livros, estudos e clinica, e acompanhado sómente das minhas recordações iria naquelles lugares onde passei os primeiros annos, passar os ultimos tambem, gosando daquelles doces prazeres, que talvez não possam tornar mais.

Admirava-me da eloquencia pittoresca do doutor, e a linguagem tão animada, que não lhe conhecia, e de que se estava servindo: conheceu-m'o na cara, e antes de continuar disse-me mudando de tom e assumindo os modos habituaes.

— Estranha ouvir-me fallar deste modo, não é assim? são as verduras da mocidade, que lembram e que nos trazem no paladar. Mas não se assuste, isto passa em breve, e o doutor lhe torna a apparecer tal como até hoje o tem conhecido.

— Pelo contrario, mandemo-lo bem para longe, lhe disse eu, prefiro-o assim. O seu modo habitual enregado parece o cadaver egypcio, que vem ás nossas festas fazer de desmancha prazeres; este de agora aviventa e anima. É o mesmo, que a chamma surgindo de repente de um brasido cuberto de cinsas para aquentar o foragido, que lhe pede calor. Deponha a mascara do costume, é inutil fingir por mais tempo. Para que hade querer parecer de marmore se já lhe descubri o coração?

Tambem assim o prefiro. Ao perpassar por aquelles tempos reverdeço como aquellas flores, que pendidas com os calores do sol, reviviam com os orvalhos da madrugada. Se soubesse, que momentos tão doces passei com ella, e como eu a amava?

— Sei, doutor, porque tambem amei.

— Não eramos nos sós eu e a minha aia, quem ia á fonte dos suspiros, havia uma velhinha, que para ali gostava tambem de ir passar as tardes espiando os olhos por aquellas extensões em quanto a filha brincava pela relva, ou colhia as flores do prado, que depois pulando de contente, lhe depositava no regaço.

A velha era a boa Thereza, a filha era Maria. Pobre anjo, mancharam-lhe as azas brancas de cherubim e teve de supportar depois a vergonha sem poder occultar com ellas o rosto, porque tinha pejo de as ver, tão mudadas estavam. Mas não antecipemos, prometti contar-lhe a minha vida hei de desempenhar a minha promessa.

No começo as nossas relações travaram-se, como era natural entre visinhos da mesma al-lêa. Eu e Maria brincavamos juntos, colhiamos as mesmas flores, perseguíamos as mesmas borboletas, trocavamos os mesmos risos, emquanto a mãe della e Gertrudes conversavam como boas amigas, olhando-nos complacientemente. Para um pintor devia de ser admiravel aquelle quadro, onde as duas idades da vida tão diversas na indole, tão aproximadas pela amizade se casavam em sympathico enlace. Para o philosopho deveria haver thema para largas meditações ao lembrar-se que pensamentos diversos agitavam uns e outros. Nós procurando na vida os prazeres fugidiços de um momento, e abandonando-os depois de os ter gosado, ellas discursando sobre os tempos passados, dando o devido apreço áquelles prazeres e sentindo-se remoçar com a nossa alegria infantil. Era a transição do inverno para a primavera da vida; eram o berço e o tumulo, que se estreitavam, completando a epopéa da existencia a que marcavam os limites.

E assim passavam as tardes sem que nos apercebessemos de que tinham passado. Chegava a noite. O ceu recamava-se de estrellas, a campina reflectindo o ceu bordava-se de pyrilampos, e Maria correndo por entre as flores a que a phosphorescencia d'aquelles pequenos animaes dava uma apparencia phantastica, lembrava-me com o seu vestido branco os cherubins, que suppunha deverem percorrer os espaços dos ceus calcando as estrellas, como ella calcava os vagalumes da relva, verdadeiras estrellas do campo.

Como as tardes passaram os annos tambem, as creanças cresceram, e os seus brinquedos mudaram-se em conversas de amor: Gertrudes já me não acompanhava áquelles lugares, mas Maria ainda vinha com sua mãe, a quem um ataque de gotta serena tinha privado da vista, e a quem só aquelles passeios distrahiam.

Que momentos ali passámos, que juras fizemos, que promessas sagradas por um ou outro beijo colhido a furto! Nem eu lhe posso dizer, nem o meu amigo poderia comprehender por qualquer descripção, se o não tivesse já experimentado. Foram os annos do amor, que a minha partida para Lisboa interrompeu e que o máo fado de Maria, quebrou de todo.

A quem deixava tanto na sua terra, muito devia Lisboa offerecer para lhe poder supplantar com vantagem as recordações da infancia. Fez mais do que isso, destruiu-as pela raiz. Deixou-me em lugar de tudo o que mais tinha amado, desillusões, e experiencia. Tambem as atmospheras mephticas das suas salas, convertem em breve as flores mais mimosas colhidas de ha pouco em gravetos, bons só para o fogo, sem cheiro, e sem cores, sem vida e sem poesia.

Continua.

R. PAGANINO.

A IDADE MEDIA, E A IGREJA CATHOLICA.

I

(Continuação).

A Constantino seguiram-se outros imperadores, que não eram guiados pelo seu mesmo espirito. Cumpria que a Igreja fosse combatida pelas heresias, como o tinha sido pelos pagãos: e esses imperadores quiseram ser os agentes dellas para tornarem mais terrivel e furioso o combate. A igreja guardou inviolavel o deposito da Fé; aceitou o combate resistindo com valor heroico a todas as innovações, ainda mesmo auctorizadas com os rescriptos imperiaes: *non possumus*; estas palavras que aprendera dos apóstolos, eram as que proferiam seus bispos e seus padres, que, repetindo-as, marchavam na frente de multidões de seculares para o supplicio, ou tomavam alegremente o caminho do exilio, ou transpunham o limiar das prisões; e comtudo estas multidões que podiam tanto, atrás das quaes seguiam milhões de homens, nem depunham o ariano Constancio, nem tão pouco o apostata Juliano, que resumem o furor cego por uma parte, e por outro a crueldade avisada e o ardil hypochrita, que nesta nova fase da vida da Igreja se empregaram para destruir ou coartar a sua acção civilisadora, que finalmente venceu, como não podia deixar de vencer, porque era obra de Deus.

Nesta situação ensinou-nos a Igreja a não ceder á crueldade, nem á hypocrisia das auctoridades temporaes que tendo na bocca o nome de Christo, e do seu Evangelho; que fingindo um grande respeito pela Igreja; contrariam os seus ensinamentos, erguem uma mão sacrilega sobre os seus dogmas, ou insinuam os seus caprichos como alterações necessarias nas disposições disciplinares da mesma. Este *non possumus* é ainda hoje depois de tantos seculos, a palavra diante da qual vem quebrar-se o arrojio de todos os potentados, que podem roubar-nos a vida do corpo, que offereceremos a Deus em sacrificio, mas que não devemos consentir que altere nem uma virgula das doutrinas da Igreja.

A par das perseguições e da morte, Juliano empregava um meio, no seu sentir mais seguro, de acabar com o Catholicismo; meio de que depois se tem servido muitos outros Julianos. Prohibiu que os filhos dos christãos podessem aprender as letras humanas e a philosophia, para deixar a Igreja desarmada contra os ataques dos oradores e philosophos gentios. Mas Deus inutilizou estes planos. Juliano morreu fazendo a guerra aos persas, e succedeu-lhe no imperio Jovianiano, ao qual poucos mezes depois seguiu-se Valentiniano.

Com estes imperadores a acção da Igreja pôde estender-se pela população morigerando-a, instruindo-a, e protegendo-a; e pelo poder, moderando-a, dirigindo-a, e dando-lhe auxilio: e comtudo sendo bastante poderosa para obrigar Theodosio a afastar-se do Templo Santo, onde não podia entrar por se ter manchado com o sangue de seus vassallos n'uma repressão cruel, era bastante humilde para exigir dos fideis a submissão á auctoridade imperial, de quem ella era a primeira a respeitar a independencia, mesmo na occasião em que mais fortemente exigia, ou mais livremente exercitava a de sua auctoridade espiritual. Durante esta fase da Igreja toda a sua acção exterior se manifesta, quer seja temperando por uma intrepida quanto piedosa intervenção a rudesia habitual do poder soberano, quer suspendendo a espada erguida sobre os rebeldes: umas vezes vemol-a quebrando pelas suas rogativas as armas que se tinham affiado para as dissensões civis; outras inspirando a erecção de hospícios para os pobres, que não podem trabalhar, ou para as creanças abandonadas; aqui aligeirando os grilhões da escravidão e libertando muitos infelizes; alli insinuando e dictando importantes modificações que temperassem o rigor da legislação civil e criminal do imperio romano; mais logo fazendo publicar decretos em que se reconheciam os direitos civis do homem, como uma consequencia dos que recebera das mãos do creador, e que lhe recuperára o sangue da Divina Victima do Golgotha.

Não é menos bella, nem menos patente a acção da Igreja em todos esses accessorios que completavam e abrilhantavam a civilização pagã, e que os Papas e os Bispos queriam purificar para conserval-a. As bellas letras, a philosophia, as artes de recreio, de utilidade, e as necessarias, tudo a Igreja chamou a si, tudo protegeu, tudo purificou, tudo embelleceu. Para o mostrarmos aos nossos contemporaneos, basta-nos citar a Oratoria e a Poesia dos Santos Padres dos primeiros seculos do Christianismo. São verdadeiramente virgens christans pela modestia, pelo pudor, pela santidade das palavras, pela sublimidade dos pensamentos, pela suavidade das aspirações; mas as suas feições, o som da sua voz, os trajos que revestem, os das filhas de Athenas, ou do Lacio. Se lermos os canticos sagrados, se lermos as homilias, e os escriptos apologeticos, veremos que a eloquencia e a poesia christan umas vezes levantam seu voo arrojado até á habitação do eterno, onde se inflamam n'um raio de claridade; e, outras vezes fendem os ares e descem á terra para colherem bellas flores com que adornam seus cabellos e seus vestidos: puras como esposas de Christo, formosas como as sacerdotisas de Diana.

A pintura e a architectura e a estatuaria christans mostram-nos o que ha de mais agradável n'essas artes com

que tanto se ufanava a civilização pagã. Ainda a igreja estava sepultada nas catacumbas, onde escondia o seu culto como a mãe estremosa esconde o filhinho que homens avidos pretendem assassinar; e já ella preludiava por obras magistraes a esses milagres d'engenho que mais tarde haviam de maravilhar o Universo. A *Roma subterranea* de Mr. Perret revella-nos n'um trabalho intelligente e cheio de a proposito esta obra de transformação que enchia de um sentimento novo a reproducção das antigas formas. Olhemos para uma dessas *Orantes* que se observam nas pinturas das catacumbas; trajam os vestidos das mulheres de Roma e de Pompeia, tem as mesmas posições graciosas, mas seus olhos illuminados pela Fé christan já não tem a languida voluptuosidade das ninfas, mas a pudicicia de christans, que conhecem os altos destinos para que foram creadas, e que lhes assegura o Baptismo. É a unica differença que se nota — mas essencial — entre umas e outras pinturas: era a differença que impunha a dos costumes e das leis entre os pagãos e os christãos.

Temos rapidamente pereorrido quatro seculos, mais de metade dos quaes passados no meio d'uma perseguição cruelissima e incessante; e a outra metade entre perseguições intermitentes, posto que não menos cruéis, e algumas vezes egualmente ensanguentadas; sem que n'uma ou n'outras a igreja abandonasse nunca a sua obra de civilização, renovação, e de purificação da humanidade.

O imperio romano estava já todo penetrado por esta acção benefica e nunca descontinuada. É este um facto que deixamos tão manifesto, como nol-o permittia a natureza d'estes estudos: mas esse imperio não tinha recebido a dom da immortalidade. A igreja nem lh'o dera, nem lho podia dar. Construido pelas mãos dos homens; por seus esforços e até por seus crimes, tinha tomado proporções pasmosas, incriveis. Como obra dos homens havia tambem de perecer um dia, que é essa a lei da humanidade. Tudo na terra passa, e muda sem cessar, só a fé não pôde mudar, nem morrer porque é obra de Deus.

Já para o imperio romano tinha soado a sua ultima hora, que o Christianismo tinha alongado; a igreja podia ainda, e procurava mesmo fazel-o, tornar-lhe menos dolorosa a agonia, mas não podia livral-o de morrer. A sua civilização viciosa tinha-lhe dilacerado as entranhas, e o havia condemnado a uma morte inevitavel, que já não era possivel afastar mais.

Sem forças para correr, com a igreja catholica, em procura d'essa civilização pura e santa, que era um de seus destinos sobre a terra, era indispensavel que cedesse o logar a populações mais novas e mais puras, novos instrumentos que Deus queria empregar para a realisação misericordiosa de seus maravilhosos designios a favor dos homens. A Igreja Catholica vai por tanto ser chamada a fazer novos serviços á humanidade, preparando os meios de tornar menos desastroso o cataclysmo, que estava imminente, e ao qual não podia resistir a sociedade romana.

Então sobre os extremos limites da velha sociedade appareceram multidões immensas, diversas, tumultuosas, mixto confuso e incrível de populações vagabundas, de tribus e familias diversas, que partiam dos quatro pontos do horisonte, que tinham lingua, costumes e religiões differentes, mas que eram animadas e impellidas por um só e mesmo desejo.

Roma tinha querido vencer tudo, e assimilar tudo a si, e possuir tudo: os barbaros agora reunem e confundem os seus esforços para absorver, affogar, e despojar essa Roma, tão temida n'outras epochas, e agora a ponto d'exhalar o derradeiro alento, que assim se queria apressar. A uma primeira vaga que durou perto de duseentos annos, violenta e destruidora como uma torrente impellida pela tempestade que sopra furiosa das montanhas do norte, e que engrossando, ao passar pelas steppes, pelos pantanos, pelos rios e os bosques cubertos de neve e de gelo, alagava tudo por onde passava, succederam outras e mais, tão egualmente desastrosas. Foi este espectáculo de desolação que dictou a Bossuet estas admiraveis palavras, que nenhum homem politico deixa esquecer:

«Todo o longo encadeamento das causas particulares, que fazem e desfazem os imperios, depende das ordens secretas de sua divina providencia. Do mais alto dos céus, sustenta as redeas de todos os reinos; tem todos os corações na sua mão: umas vezes refrea as paixões, outras larga-lhes o freio, e por este meio agita todo o genero humano. Se quer fazer conquistadores, faz marchar diante d'elles o medo, e inspira-lhes e a seus soldados uma audacia invencivel. Se quer fazer legisladores, envia-lhes seu espirito de providencia e de sabedoria; faz-lhes prevenir os males que ameaçam os estados, e assentar os fundamentos da tranquillidade publica. Elle conhece a sabedoria humana, sempre acanhada; esclarece-a, estende suas vistas, e depois abandona-a á sua ignorancia; cega-a, precipita-a, confunde-a por si mesma; ella embrulha-se, embaraça-se em suas proprias subtilidades; e suas precauções são um laço que se arma contra si. Deus exerce por este meio seus temiveis juizos, segundo as regras de sua justiça sempre infallivel. É elle que prepara os effeitos nas causas mais remotas, e que dá estes grandes golpes, cujos effeitos sentem-se tanto ao longe».

Os barbaros que inundaram o occidente, e que fariam alluir para nunca mais se erguer o formoso edificio da sociedade christã, se Deus o não sustentasse, pelas mãos da igreja, acima das vagas: esses barbaros, quer os que vinham bramindo desde a ultima scandinavia, que

os que se precipitavam do lado da Asia com o ferro n'uma mão e o facho incendiario na outra, não conheciam outra occupação senão a caça e as guerras; não tinham mais gosos que a satisfação de seus appetites desenfreados por mais grosseiros e brutaes que fossem, porque quanto mais o fossem, mais em harmonia estavam com os seus costumes e inclinações; não reconheciam lei mais sagrada que a da força, nem ambicionavam outra gloria que a das conquistas, quer de povo a povo, quer de individuo a individuo. Inteiramente extranhos ás sciencias, ás artes, á civilisação, n'uma palavra, não só não sentiam os inconvenientes e as amarguras d'essa vida selvagem e desordenada, que fazia todas as suas delicias, mas até professavam um soberano desprezo para tudo o que não era esse viver; pelo policiamento, e pela brandura dos costumes, e pelo que servia para estabelecer, ou conservar.

Por isso tambem nenhum espectáculo ha mais encantador do que esta acção que vamos ver em que a igreja se empenha para salvar a civilisação, ameaçada de perecer, quasi sem remedio, porque a barbaridade cerca-a, inunda-a e cobre-a; e trabalha incessantemente em reconstituir a sociedade n'um terreno solido, que ainda se não vê.

É aqui que vai abrir-se diante de nós, a idade media.

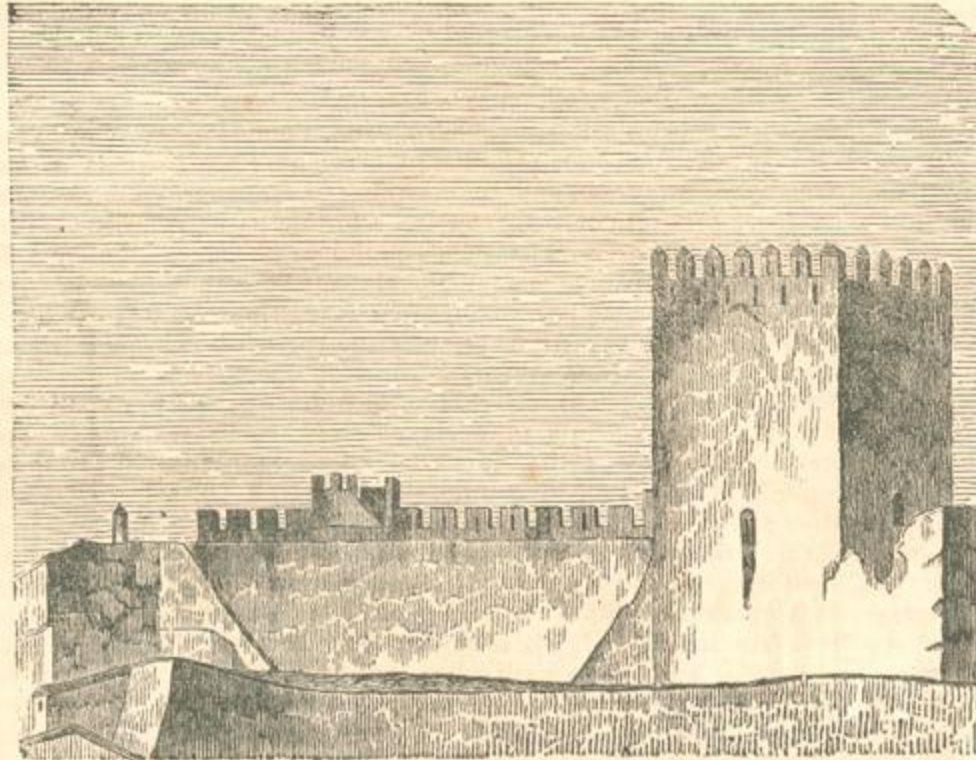
Vamos ver como a igreja procedeu para salvar a civilisação, para proteger a humanidade, e reconstituir a sociedade. É este o facto supremo, inexplicavel e maravilhoso, que estamos todos vendo, mas que nem todos comprehendem; que alguns queriam negar, não que exista (o que deitaria só contra a sua intelligencia), mas que se deva á Igreja (o que depõe tudo contra o seu coração); e que outros procuram explicar não sabemos por quantas formas, todas repugnantes e mutuamente contradictorias, porque é um privilegio da verdade, que contra ella não haja explicação possivel.

(Continúa)

SOUZA MONTEIRO.

O CASTELLO DE MOURA.

Na provincia do Alemtejo, a uma legua, pouco mais ou menos, do Guadiana, está situada a villa de Moura. Occupa um terreno pouco regular, no centro d'uma planicie, pela qual correm dous riachos. Foi tomada aos sarracenos pelo anno 1166. Possuia boas fortificações pelo systema seguido no seculo passado. Em 1707 o duque de



Castello de Moura.

Ossuna sitiou esta praça, que ao cabo de quinze dias, depois de porfiada resistencia, teve de capitular. O duque mandou destruir as obras de defesa, e abandonou a praça.

Parece, pelo que se pode colligir de algumas inscrições, que existiu n'aquelle sitio uma povoação importante, chamada Arouche.

Moura é pouco populosa.

O SEGUNDO DUQUE DE LAFÕES.

(Conclusão).

No longo tempo que o duque de Lafões permaneceu fóra da patria visitou detidamente os estados europeus e tambem o herço da civilisação antiga no Egypto e na Asia, estudou as leis, a litteratura, os monumentos dos differentes povos e seus usos e costumes, frequentou as principaes cortes, adquirindo geral estimação, tratando familiarmente com os estadistas e ao mesmo tempo com os sabios e escriptores mais distinctos.

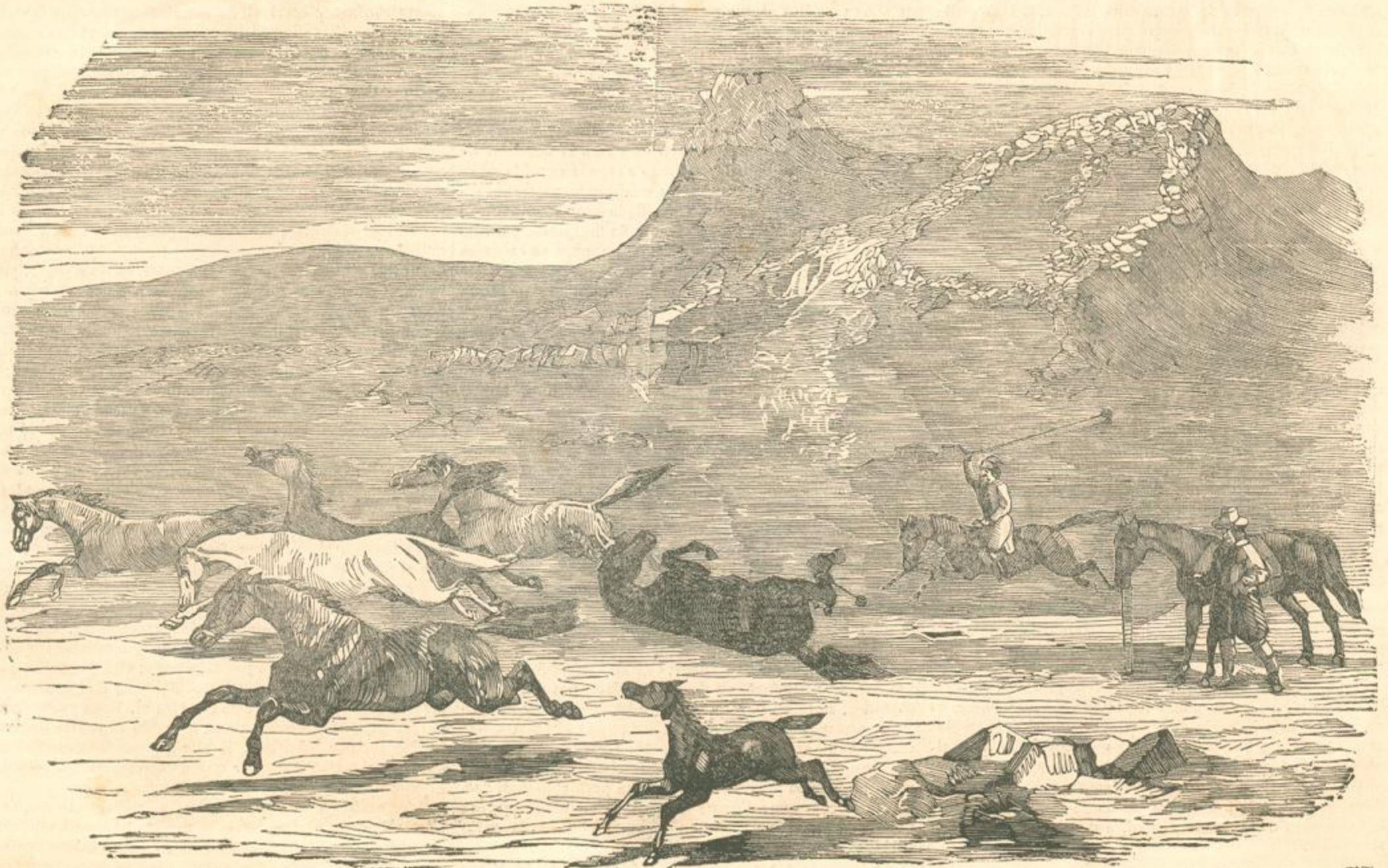
O grande cabedal de seus conhecimentos, o acerto de suas opiniões e juizos em variados ramos do saber, a sua copiosa e escolhida erudição lhe grangearam fama tão notoria, que delle dizia um jornal inglez, ser um homem bem conhecido no mundo litterario: «*a man wel known in the literary world*» — (Monthly Review: outubro de 1798.)

Quando repousava de suas viagens, escolhia as capitães de Alemanha para residencia; e nem só no remanso dos estudos ou na variedade de excursões dilatadas occupou esse periodo da sua vida, arriscou-a por vezes nos feitos militares, servindo briosamente como voluntario no exercito austriacos durante a famosa guerra dos seis annos, e distinguindo-se com especialidade na batalha de Maxen. Desta maneira logrou ser tão bemquisto dos heroes bellicosos como dos cultores das sciencias e das artes pacificas; do rei da Prussia recebeu patentes de demonstrações de consideração e affecto, e nada menores do imperador José 2.º, com quem manteve constante correspondencia.

Ainda ausente de Portugal tinha succedido na casa a seu irmão D. Pedro em 1761, e como já dissemos, por morte d'elrei D. José acontecida aos 23 de fevereiro de 1777 voltou á patria, acolhendo-o a herdeira da coroa a Sr.ª D. Maria 1.ª com grande

distinção de honras e mercês. Pouco depois veio tambem José Correia da Serra, mais conhecido pelo nome de abade Serra nas Academias estrangeiras, que illustrou com seus valiosos escriptos botanicos, o qual tinha ganhado a amizade do duque viajando juntos pela Italia. Esta reciproca affeição fortaleceu-se pela convivencia no reino, hospedando-o o duque em seu palacio, e tratando com elle da fundação da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Foi este um dos mais importantes serviços feitos pelo duque á patria, concertando com os melhores engenhos do ultimo quartel do seculo passado, a execução do seu pensamento, que tinha por objecto o crear-se uma sociedade permanente, á imitação das que floreciam nas capitães estrangeiras, para trabalhar no progresso das sciencias e na cultura das letras especialmente portuguezas. A sua influencia, a sua generosidade, e o seu trato ameno, chamou a um centro os talentos da epocha, e das combinações e trabalhos preparatorios saíram os estatutos que apresentou a sua sobrinha, a Sr.ª D. Maria 1.ª e foram approvados em 24 de dezembro de 1779. O impulso dado pelo duque, deu origem á corporação litteraria, que



Gaúcho deitando o laço aos cavallos bravos

em breve figurou honrosamente a par de institutos iguaes aos mais antigos na Europa.

Em testemunho de gratidão, seus collegas, por unanimidade de votos o elegeram presidente perpetuo da Academia em sessão do 1.º de abril de 1791; mais tarde foi tambem collocado o seu busto na sala das conferencias academicas. Transcreveremos, por conter algumas particularidades, o que se lê sobre este assumpto no discurso do socio vice-secretario, Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, em sessão de 24 de junho de 1817.

« Não são, porém, sómente os monarchas protectores das sciencias que tem direito ao reconhecimento das sociedades litterarias: outros ha que sem embargo de não terem subido a este summo grau da elevação humana, merecem não menos a nossa gratidão já pelos seus vastos conhecimentos e ardente amor que professam ao estudo, já pelo patriotismo que os incita a diffundir o gosto das lettras em o seu paiz, já pelo acolhimento e amparo com que abrigam os homens dados ás sciencias, e já finalmente, se é necessario dizel-o pelo seu grande nascimento, qualidade illustre quando traz de companhia em grau proporcionado as outras virtudes sociaes. Todas as vezes que semelhantes personagens são destinados a figurar no mundo, bem longe de se poder reputar lisonja, a expressão dos sentimentos que em nós excitam, seria antes um crime não os patentear com a maior publicidade. E que ventura não é hoje para mim reunirem-se circumstancias, que me dão motivo a cumprir com este dever sagrado, e a fallar-vos do homem grande, que póde servir de modelo aos que se quizerem immortalisar seguindo a mesma estrada? O seu nome é bem conhecido, e escuso de repetil-o para todos saberes que tenho em vista o fundador da Academia e seu primeiro presidente, o duque de Lafões.

« Não penseis, senhores, que a minha ousadia me leve agora a traçar o seu elogio: eu seria o mais incompetente de todos os panegyristas, não só pela falta do cabeçal necessario, mas por que não tive a honra de o conhecer, nem como presidente da Academia, nem sua vida privada, onde era não menos grande e admiravel do que o foi na publica em quanto as forças lh'o permittiram. O meu fim é unicamente annunciar-vos que a Academia não se esquece das suas obrigações, e obrigação reputará ella sempre manifestar o mais vivo reconhecimento por aquelle que

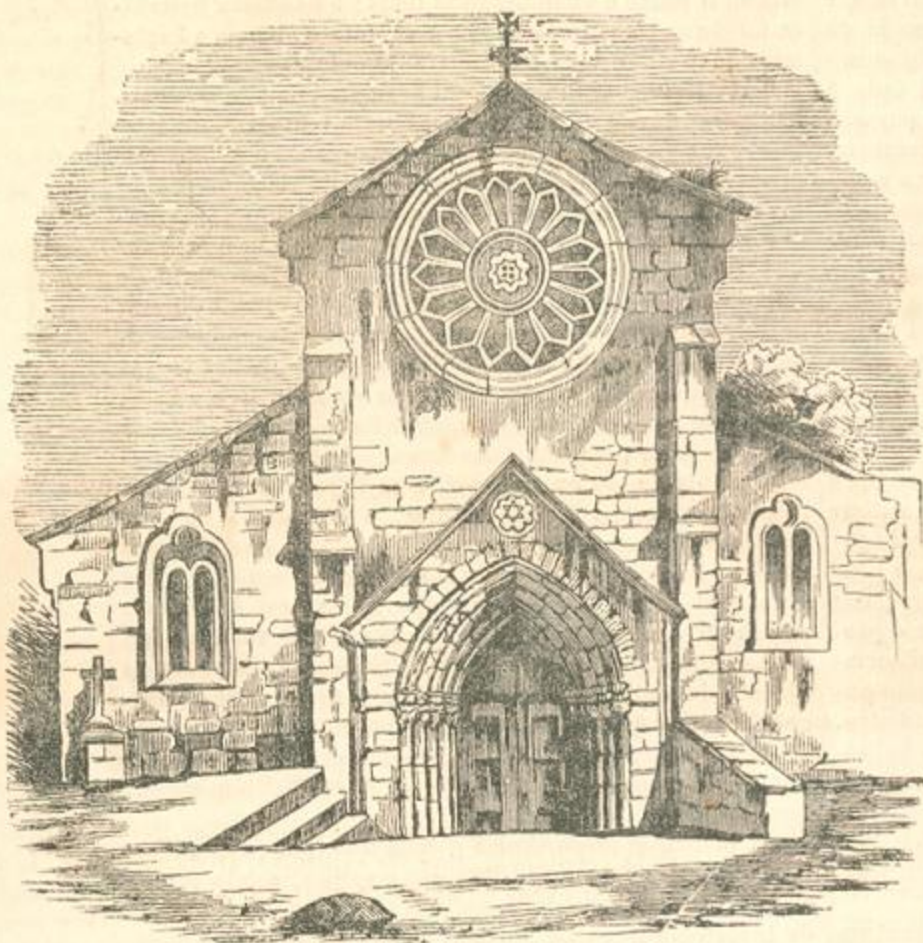
nunca deixou de olhar como pae, e cujos disvelos e afagos lhe embalaram o berço desde o nascimento.

« Por estes motivos e para suavisar ao mesmo tempo a saudade incumbio o primeiro dos nossos esculptores, o snr. Joaquim Machado de Castro, seu digno correspondente, de executar em marmore o busto do fundador, para ornar com elle a sala das suas sessões, e ter de alguma sorte constantemente á vista, ainda alem do tumulo, aquelle mesmo que em vida, tantas vezes a tinha animado com a sua presença. Esta lembrança, suscitada por um dos socios, foi com tanta avidéz recebida pelos outros, que immediatamente se determinou fazer-se á custa dos membros da sociedade, e não do seu cofre, toda a despeza que

exigia semelhante projecto. Pensavamos assim tomar cada um de nós uma porção mais pessoal neste pequeno tributo offercido á memoria do duque, mas, esta contribuição voluntaria, para que todos desejavam concorrer do modo mais liberal, tornou-se em extremo diminuta pela generosidade com que o snr. Machado executou a parte mais essencial desta obra, isto é, tudo o que pertencia ao trabalho das suas mãos. Pelas minhas é que correram estas diferentes transacções; e se tive o gosto de annunciar ao corpo academico o desinteresse do artista insigne, tive tambem a satisfação de ver o bem merecido apreço que se fez d'aquella offerta, e o voto unanime de ella ser de alguma sorte compensada por este testemunho publico de gratidão e pelo dom de uma medalha d'ouro, o maior premio com que entre nós se costuma gratificar o saber e os talentos.»

Não eram sómente os cuidados litterarios que absorviam o emprego do tempo ao duque de Lafões, a sua elevada jerarchia a par da longa experiencia dos negocios, adquirida com os aulicos e diplomaticos estrangeiros, a penetração de seu espirito e madureza de voto nos assumptos politicos, chamaram-no a occupação mais difficil e penosa nos conselhos da rainha. Annuviava-se o horisonte, com as consequencias que agouravam do espantoso abalo produzido pela revolução franceza, e todos os estados se premuniam e acautellavam conforme os seus interesses e suas peculiares relações e circumstancias. Conseguiu o duque persuadir o governo da rainha das vantagens que resultariam de conservar-se Portugal em stricta neutralidade a despeito das sollicitações de outros governos; porém, assim que D. João (depois rei 6.º do nome) tomou o leme dos negocios em virtude dos achaques mentaes que padecia a soberana, prevaleceu a politica contraria á prudente reserva aconselhada e sustentada pelo duque; Portugal ligou-se com a Hespanha n'uma contenda, do que resultaram campanhas sem gloria, desbaratos da fazenda publica, e perdas enormes para o nosso commercio por espaço de sete annos.

As avivadas insinuações do duque ainda se deveu a deliberação de mandar o principe regente, Antonio d'Araujo d'Azevedo para que ajustasse em Paris um tratado de paz com a republica em 1797, visto que a Hespanha, tendo-nos comprometido, se esqueceu de nós no tratado que



Santa Maria do Olival em Thomar.



Encontro de um leão do mar.

celebrara em Basilea. As imprudencias que nos levaram, contra a opinião esclarecida do duque de Lafões a uma liga desastrosa, bem patentes ficavam no resultado dos triumphos das armas francezas, que nos fins de 1794 já se tinham assenhoreado de toda a Flandres austriaca e ameaçavam a Hollanda, seguiu-se depois a tomada de Maestricht e de Nimégue, posteriormente a assignatura dos preliminares da paz de Leoben, que davam toda a vantagem aos francezes. Nestas circumstancias e por que já na França existia o governo mais regular do directorio, induo o duque para que Antonio de Araujo fosse o negociador da paz, por ser homem de reconhecida competencia diplomatica, cujos serviços foram muito mais tarde premiados com o titulo de conde da Barca, e supremos cargos de estado.

Celebrou este com as vantagens que então era possível obter, e que foram fructo de seus intelligentes esforços, quando o diplomata inglez lord Malmesbury tinha baldado as suas negociações, o tratado de 10 de agosto de 1797. O governo portuguez, por causas politicas talvez bem difficéis de justificar, mas que não nos cumpre avaliar, e que terão um lado de defeza, recusou ratificar o tratado. A consequencia foi o inaudito proceder do governo francez para com o nosso plenipotenciario, a ponto de prendel-o: tardia justiça se lhe fez, não por parte do monarcha portuguez que lhe conferiu honras e o protegeu sempre naquella crise, mas por parte dos historiadores da epocha, que a final declararam que a opinião publica em França nunca fora adversa ao nosso ministro.

Os inimigos do duque de Lafões, porque não ha homem eminente que não tenha contra si invejosos e ambições apoucadas, procuraram, aproveitando estas contrariedades, malquistal-o, porem não o conseguiram por então para com o principe e muito menos para com a estima publica.

Os erros anteriores dos governantes, a conjunctura de encontrados successos mal previstos e mal remediados trouxe-nos uma campanha, que muitos figuram como simulada, com a Hespanha logo no abrir do presente seculo. Apesar da situação bellicosa de todos os estados, tal era a pericia e intelligencia do governo, que se pertendia descartar de homens como o duque, e alguns mais, que nós não tinhamos exercido; mas, ainda assim o duque já carregado em annos, como marechal general junto á real pessoa, foi encarregado de tomar o commando das tropas; os seus emulos contavam os revezes e triumphavam para supplantar um octogenario á custa deste paiz. A campanha foi nulla quanto a feitos d'armas, porem nós perdemos nella algumas praças, entrando a de Olivença que ainda hoje está sujeita ao dominio hespanhol; o deploravel tratado de Badajoz rematou estes desastres. Os revezes, como se premeditava, foram attribuidos ao duque que não tinha meios de affrontal-os e rebatel-os.

Recolhido depois á vida domestica falleceu aos 10 de novembro de 1806 com 87 annos de idade, sendo conduzido o corpo com as devidas honras fúnebres ao conventinho arrabido de Santa Catharina de Ribamar, jazigo de sua familia, como já dissemos. A posteridade tem feito justiça á sua veneranda memoria; e sobresaindo entre os seus apreciaveis dotes moraes e intellectuaes a benignidade, não podemos deixar de concluir com as seguintes palavras do academico Muller: « — Nós vimos como em toda a sua pessoa brilhavam os caracteres da mais acabada cultura social; mas ao mesmo tempo admiravamos a sua condescendencia philantropica, que temperava o lustre, muitas vezes atemorizador, de qualidades assignaladas nos pomposos theatros de regias cortes; como elle sem apparatus ostentação attraia a si com carinhoso afflago o rendimento dos mais timoratos ou indocéis; como não perdia oportunidade alguma de convidar todos pelo seu exemplo á pratica das virtudes de mero cidadão; como nem o minimo indicio de alguma vaidosa presumpção obstruia os effeitos da sua generosa beneficencia, ou inculcava duvidas da sua protecção ao silencioso e acanhado merecimento. Immortal será a sua grata memoria, como o é a sua nobre alma! »

M.

ILHAS DE FALKLAND.

A este archipelago chamam os francezes ilhas Malonines em rasão de terem sido feitos em Saint-Maló os preparativos de um estabelecimento que abí fundou o navegador Bougainville no anno de 1763: demora a leste do estreito de Magalhães e proximo da extremidade sul da America meridional, compoem-se de duas ilhas grandes; separadas por um canal; uma dellas Falkland com o porto de Egmont, donde os inglezes pozeram o nome a todo o grupo; alem destas ha grandissimo numero de ilhotas. O clima, ainda que sujeito a frequentes tufões, é de temperatura branda, porquanto o thermometro raras vezes desce abaixo de 25 graus da escala Fahrenheit no inverno, e do mesmo não excede 72 graus no verão.

Datando o seu descobrimento do fim do 16.º seculo, e sendo visitadas pelos que fizeram viagens de exploração costeando o cabo de Horn, ás costas occidentaes da America do sul, nenhuma tentativa de occupação permanente se fez antes de 1763, em que a França, a Inglaterra e a Hespanha quasi simultaneamente tomaram posse de algumas em differentes situações; depois de graves disputas sobre os respectivos direitos, a Hespanha comprou a

cessão dos que allegavam os francezes, e expulsou á força do porto de Egmont os inglezes, que logo prepararam uma esquadra para vingarem a affronta: mas ao tempo que estas se apromptava para fazer de vela a Hespanha largou o porto e abandonou as ilhas; a bandeira britanica foi de novo alli arvorada; mas, pouco depois a Inglaterra suspendeu toda a tentativa de colonisação.

Até 1825 o archipelago foi indistinctamente frequentado pelos navios da pescaria das baleas e focas, tanto hespanhoes e francezes como inglezes e americanos, sem que nenhuma destas nações exercesse actos de reconhecida soberania. No indicado anno, tendo corrido a noticia da prodigiosa propagação das cabeças de gado vacum e cavallar que Bougainville alli deixára em 1763, signal certo de que o clima e os pastos eram adequados á creação desses animaes, o governo de Buenos Ayres, intitulado-se como successor nos direitos da Hespanha n'aquellas latitudes; mandou para ali uma pequena colonia, que o commandante Vernet quiz sustentar á força, excedendo-se a ponto de fazer preza em duas escunas de pesca norte-americanas, deixando em captivo as tripulações; seguiu-se em breve como era de esperar, a destruição da insignificante colonia por uma nau de guerra dos Estados-Unidos. Logo que na Europa constou o successo, expediu o governo inglez o navio de guerra *Clio* em 1833 para reassumir a posse das ilhas, declarando que somente havia suspendido a occupação, mas nunca abandonara os direitos de senhorio que reclamava pela prioridade do descobrimento e que a França e a Hespanha pelo tratado de 1774 reconheceram. Em 1845 estabeleceu-se um governo definitivo passando a residir em Port-William na enseada Stanley.

A principal importancia d'estas ilhas para a Grã-Bretanha procede da sua posição geographica, sendo o unico porto de arribada ou de refugio para os navios que vão de Inglaterra negociar no Mar Pacifico e ás costas occidentaes das Americas, e para os que voltam do commercio da Australia e da Nova Zelandia. Abundam em pastos sempre viçosos e por isso nutrem grande copia de gados bravos, e tambem cavallos e porcos; as ovelhas introduzidas últimamente tem dado bom resultado: caça do ar ha muitissima e variada, e infinidade de coelhos; a maior parte das hortalias da Europa crescem bem, mas não tem medrado as searas de trigo, diz-se que por falta de abrigadas contra os repetidos tufões. Nas calhetas e angras ha peixe bastante, e nos mares e costas são numerosas as baleias e differentes castas de phocas, como o leão marinho, o elephante do mar e outros, cuja pescaria é mui productiva.

O porto de Stanley é inteiramente franco a todas as nações; não se exigem direitos de entrada nem de alfandega. Acham-se nelle refrescos de toda a especie, e quanto é necessario para fazer reparos nos navios, e tudo por preços mais modicos do que nos portos da America do Sul.

Damos duas estampas que representam scenas passadas nestas ilhas de Falkland; n'uma vê-se o encontro de um caçador de phocas com o animal deste genero denominado leão do mar, mettido na robusta vegetação das albufeiras ou lagoas da costa; outra mostra os gauchos deitando o laço de correr armado de bolas, á maneira das campinas de Buenos-Ayres, para apanhar cavallos bravos.

O CASTIGO.

(A JULIA)

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
Só p'ra mim!
Ora diz-me: esses queixumes,
Esses injustos ciúmes
Não tem fim?...

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
Por peccar;
Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
D'um olhar?!

Por ventura te esqueceste
Quando d'amor me perdeste
N'um sorrir?...
Agora em colera immensa
Já queres dar a sentença
Sem me ouvir!...

E depois se eu te repito
Que n'esse instante maldito,
— Sem querer —
Arrastado por magia
Mil torrentes de harmonia
Fui beber!

Eram uns olhos escuros
Muito bellos, muito puros,
Como os teus;
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gozos infundos,
Só dos céus!

Quando os vi fulgindo tanto,
Senti no peito um encanto
Que não sei;
Juro fallar-te a verdade...
Foi de certo — sem vontade —
Que eu pequei.

D'aquelle olhar namorado
Um momento embriagado
No fulgor,
Esqueci tua belleza.
Eu confesso: foi fraqueza,
Não — amor.

Mas hoje minha querida,
Eu dera até esta vida
P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas
Que as tuas faces mimosas
Vem molhar.

Sabe ainda ser clemente,
Perdôa um erro innocente
Minha flor;
Por menor que seja o crime,
O — perdão — sempre é sublime
Meu amor.

Mas se queres com maldade
Castigar quem — sem vontade —
Só peccou;
Olha linda, eu não me queixo,
A teus pés cair me deixo...
Aqui 'stou.

Mas se me deste formosa,
De amor na taça mimosa
Doce mel,
Ai, deixa que peça agora
Esse castigo d'outrora
O infiel!

Prende-me... n'esses teus braços
Em meigos, ternos abraços
Com paixão;
Ordena com gesto altivo...
Que te beije este captivo
Essa mão.

Mata-me, sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
Sem ter dó;
Que eu prometto anjo querido,
Não desprender um gemido...
Nem um só!...

CASIMIRO ABREU.

SANTA MARIA DO OLIVAL EM THOMAR.

Thomar, uma das mais bellas e ricas povoações de Portugal, e onde se encontra quanto é necessario e commode sem exceptuar mesmo os divertimentos; está situada em uma planicie. Foi fundada em 1162, segundo se deprehende d'uma antiga inscripção, que existe mui proxima das escadas do adro de convento da ordem de Christo, por D. Gualdim Paes, grã-mestre dos cavalheiros do Templo.

Os grã-mestres dos Templarios foram senhores de Thomar desde a sua fundação até ao anno de 1312, epocha em que foi extinta a ordem. Havendo D. Diniz instituido a de Christo, para substituir a do Templo, passou o senhorio de Thomar para os mestres da nova ordem, e para esta foram igualmente transmittidos todos os bens da antiga.

Entre os monumentos em que a villa abunda, avulta magestoso o convento da ordem de Christo, e a igreja da invocação de santa Maria do Olival que lhe pertence.

É esta a igreja que a nossa estampa representa.

De um rapido golpe de vista conhece-se a magnificencia e elegancia da sua architectura.

Thomar foi elevada á cathedra de cidade no reinado da rainha a senhora D. Maria II de saudosissima memoria.

É provavel que n'outros numeros nos occupemos da descripção de alguns dos mais importantes edificios d'aquella cidade.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

Desde que o Brazil, tanto tempo despresado pela mãe patria, começou de adquirir aos olhos desta, e do mundo civilisado a importancia que de feito lhe pertencia, o progresso tanto material como moral principiou gradualmente a desenvolver-se, derramando-se abundante por essa terra privilegiada, a que a natureza parece concedeu todos os seus favores.

Inaugurava-se uma era nova e um novo horisonte se dilatava limpido e cheio de esperanza ante os portuguezes admirados.

Já das conquistas da Índia, então julgadas de tanto proveito, que tudo por ellas se malbaratava ou se deixava ao abandono, começava a attenção a voltar-se para as possessões do novo mundo, até esse tempo tidas em quasi nenhuma conta, e reputadas de muito menos valor do que de direito lhe deviam dar a grandesa e fertilidade do seu solo; o comprimento de suas costas; o bem situado dos seus portos, em grande abundancia e de segura paragem; a extensão dos seus rios, e multiplicidade delles; o caracter em geral docil dos seus habitantes; e enfim a riqueza que de tudo isto devia provir ao commercio e ao engrandecimento da monarchia portugueza.

Chegou o tempo finalmente de o conhecerem, e o Brazil, pôde-se por assim dizer, foi descoberto pela segunda vez. Correu-se o littoral; remontaram-se os grandes cursos fluviaes; entraram-se os sertões; cultivaram-se as terras; abateram-se as mattas e sulcaram-se os mares.

Se isto acontecia no que diz respeito ao progresso material, o moral não era menos digno de notar-se.

Os filhos de Santo Ignacio, passando o oceano, como que levados de um enthusiasmo sublime á vista dessa natureza virgem e magestosa, transformavam-se em ardenes apóstolos da Fé, e verdadeiros martyres das crenças religiosas.

Com a cruz pregada no peito, que não pendente delle, iam por meio de mattos emmaranhados, e até ali desconhecidos, sem ter medo aos animaes ferozes que os habitavam, prégar a povoações, ás vezes não menos barbaras do que estes, e cheias de ignorancia e de apego a seus idolos; a palavra sacrosanta do Homem Deus. Em muitas occasiões o martyrio foi a paga do zelo que os animava; mas muitas tambem, tribus inteiras vieram lançar-se por terra diante dos novos apóstolos do Senhor.

Las Casas na America Hespanhola, e o grande Vieira, que se deve chamar o nosso Las Casas, são dois luzeiros, que de longe nos mostram a força e a efficacia da religião do Crucificado, quando prégada com fé, com exemplo e com brandura.

Era por isso que as conversões se repetiam, e que os prodigios seguiam de perto os prodigios. É porque o missionario era um verdadeiro sacerdote; mestre na doutrina, companheiro nos trabalhos, amigo e consolador na desventura, irmão no affecto, e pae no carinho.

Nas sciencias e nas bellas letras, o Brazil em quanto colonia deixou-nos tambem um legado precioso de nomes celebres, que hoje pertencem a duas historias, pois que ambas os reclamam. N'este ponto o desenvolvimento era igualmente digno de attenção, e grande, se attendermos á insufficiencia dos meios de instrucção, e ao pouco deramado d'ella por esse immenso e apenas adivinhado territorio.

Se poucos attentavam n'este progresso litterario, deslumbrado o geral dos animos pela torrente dos productos commerciaes, que enchiam nossas praias, e pelo manancial de riquezas, que vertia de continuo a exploração fabulosa das minas de ouro e de diamantes, nem por isso elle deixava de ser menos real e menos productivo. Quem se der ao trabalho de percorrer com consciencia a historia do imperio desde a epocha que assignamos, isto é, desde o seu verdadeiro ou segundo descobrimento, até á da sua emancipação politica, deparará com numerosas provas do que avançamos.

Entre nós esses nomes andam tão sabidos quasi, como entre os nossos irmãos de alem mar, seus proprios compatriotas; e se o não são tanto como podiam e deviam ser, é pela lastimosa incuria e pela falta de curiosidade nestas nossas cousas litterarias, tão nossas, e que hoje se deixam pelo mais insulso e absurdo livro que nos venha de França.

As escolas do reino, e Coimbra principalmente, viram passar e criaram com o leite da instrucção os mancebos, que para o futuro deviam ser a honra e o legitimo orgulho da sua patria.

Era este um facto natural, e que se continua até os nossos dias com menos força do que outr'ora, porem relativamente com mais e muito mais, se considerarmos a completa desnecessidade de tal medida. Hoje no imperio os estabelecimentos de instrucção tanto inferior, como superior formam um systema completo de ensino, onde se pôde educar tão cabal e perfeitamente como nos nossos collegios, e na nossa Universidade. Entre tanto o principio do amor dos paes á terra natal (porque, note-se, quasi todos os que o fazem são portuguezes), as saudades da patria que pequenos deixaram, sem terem gozado n'ella os prazeres proprios da meninice, tudo isto os leva a mandarem os filhos já brazileiros a este reino para completarem a sua educação, como que d'esta maneira querendo ceder á sua descendencia as alegrias, que não poderam disfrutar.

Se isto é assim agora, que as circumstancias estão tão mudadas, o que não seria ha cem ou cento e cinquenta annos, e mesmo pouco antes de D. João VI abrir á grande colonia os meios da civilisação e prosperidade?

Muitos d'esses mancebos, depois de completos os seus estudos, ficavam em Portugal, já advogando, ou exercendo os cargos da magistratura, já em outros quaesquer empregos. Os que eram auctores tinham aqui uma área mais vasta para o desenvolvimento do seu engenho, e mais prompta saída a suas obras; e por isso ficando entre nós deviam-nos ser em geral mais conhecidos, e mais espalhadas as suas produções, por que são dignas d'isso.

Entretanto a verdade é que tal não acontece. Os no-

mes ainda se repetem, mas as obras, essas apenas são lidas por um diminuto numero. Accresce tambem a falta de livros antigos, e por tanto dos da antiga litteratura brazileira, sabendo-se d'ella sómente o que vem na collecção do Parnazo Luzitano; ou no Florilegio Brazileiro do sr. Varnhagen, de grande numero ignorado; ou no Parnazo Brazileiro, apenas talvez ouvido nomear.

O facto porém não se pôde negar. Esses homens existiram, essas obras publicaram-se, e a fama d'estas e de aquellas tem passado de geração em geração até nós.

Para não amontoar nomes baste citar entre outros um Gusmão, e um José Bonifacio de Andrade e Silva nas sciencias.

Na poesia os talentos foram, como não podiam deixar de ser, numerosos. A epopea achou os seus representantes em Santa Rita Durão no Caramurú, e em Basilio da Gama no Uruguay. O philosopho Caldas, como com propriedade lhe chama o visconde d'Almeida Garrett, trasladava para a lingua vernacula, em versos dignos da magestade da Biblia os Psalmos immortaes do poeta rei, e seguia de perto a Dido de Garção na sua famosa cantata Pigmalião; os dois Alvarengas rivalisavam em graça nas suas poesias faceis e harmoniosas; e Gregorio de Mattos dardejava os raios da satyra com sal e acerto.

Outros muitos, de que seria longo fallar, se tornaram mais ou menos celebres, e têm a honra de figurar nos catalogos dos poetas da litteratura brazileira e da nossa.

Se a epopea, a satyra, e a poesia lyrica acharam homens dignos de as representarem, no theatro deparamos tambem com um dos nomes mais celebres, e que no seu tempo attraiu todas as attensões do nosso publico, e todos os applausos d'elle; queremos fallar do brazileiro Antonio José da Silva.

Entre o pequeno numero dos nossos auctores dramaticos é este um dos mais notaveis, e que com mais propriedade soube servir-se da scena.

O theatro do Bairro Alto, santuario então da arte, muitas vezes estremeceu com as repetidas e freneticas ovações da multidão, que victoriava o seu compositor mais mimoso. Poucas peças caíram tanto no sabor do povo como as de Antonio José, por que raros souberam com tacto igual ao que elle possuia, achar o que era mais agradável ás turbas, e o que mais lhes excitava o enthusiasmo.

Embora prezo nas fórmulas incorrectas e extravagantes, que revestiam o theatro n'essa epocha, o seu talento eminentemente proprio para a scena, rompia por meio d'ellas em ditos chistosos, e em passagens engraçadas que revelavam a força de habilidade que n'elle residia.

É por que o verdadeiro talento, mesmo em circumstancias desfavoraveis, e atravez dos maiores absurdos de que se possa ver cercado, brilha sempre, faiscando na escuridão mais densa e medonha vivas scintellas, que são o annuncio do seu poder; é que ao seu contacto as cousas tomam uma apparencia nova e esplendida; assim o rochedo pobre e escaldado, ferido pelos raios do sol, parece de longe com o seu musgo humido e sombrio o monarcha das aguas envolto em manto reluzente.

D'essa immensa collecção de peças, que nos ficaram impressas, e que foram as delicias dos portuguezes do seculo passado, destacam-se, e extremam-se de todas ellas com grande superioridade as do auctor brazileiro, sendo como que uma alegre pousada no meio de monotona e trabalhosa viagem.

As repetidas representações que tiveram, e a memoria que d'ellas ficou entre o povo, não são testemunhas bastantes da reputação que alcançaram e do seu verdadeiro merecimento?

Quem não ouvio fallar nas Guerras do Alecrim e Mangerona, e no Labyrintho de Creta, as mais populares e talvez as melhores de todas as suas composições? Quem não as vio impressas uma e muitas vezes, que bastantes o têm sido? A quem não chegou a nomeada das comedias do Judeu, que assim lhe chama o povo, modo familiar de fallar, e pelo qual muitas vezes elle denota a sua estima e predilecção?

Que poucos as tenham lido acreditamos nós por que a apparencia repugna a muitos, obrigando-os a formarem juizos inconsiderados do valor intrinseco que possuem realmente. Esses querendo medir o que foi pelo que é, não guardam a relação, que existe entre a obra e o tempo que de facto lhe pertence, e falseiam completamente a critica. Para esses nada valem o sal comico de Aristophanes, nem o sublime das tragedias de Eschylo; para esses o passado é nada comparado com o presente, e os in folios podem dormir descaçados nas bibliothecas, que não ha risco de serem perturbados.

A vista porem do apreço que fazem do nosso poeta comico as pessoas sensatas, procurámos extrair dos dois processos inquisitoriaes que contra elle foram formados todos os esclarecimentos sobre a sua vida.

Nasceu Antonio José da Silva em 1705 na cidade do Rio de Janeiro, em cuja Sé recebeu o santo sacramento do baptismo. Descendente de uma familia judaica de ha muito estabelecida n'aquella cidade, d'onde eram filhos, e onde moraram e falleceram seus avós paternos e seu avô materno, teve por paes João Mendes da Silva, advogado, e Leonor Coutinho, ambos tambem naturaes do Rio de Janeiro.

Em 1713 ou 1714, quando contava oito annos de idade, veio com seus paes para este reino; em cuja companhia naturalmente permaneceu estudando até ir para

Coimbra onde já o encontramos em 1726, doze annos depois da sua chegada, cursando Canones.

Foi esta a era fatal em que principiaram os maiores trabalhos da sua vida, e os continuos sustos e vexames a que o exposeram, até que por fim caisse victima das idéas intolerantes da sociedade em que infelizmente vivia, deixando com a perda de uma existencia cortada na força da mocidade, perdidas as esperanças de um engenho que promettia tanto.

Esse flagello, que o devia perseguir até lhe fazer exhalar o ultimo suspiro era o terror de nossos antepassados, e o interessado algos da sociedade.

No Rocio d'essas-eras, em tudo tão differente do de hoje, pois que ainda lhe não tinha passado por cima o grande terremoto nem a revolução de 1820; ahí n'esse mesmo lugar onde agora se vê o nosso theatro nacional, como um templo consagrado á alegria, elevava-se d'antes triste e sinistro o palacio da Inquisição, com a fama de seus horrores e envolto no seu veio mysterioso. Essa instituição terrivel, que por trez seculos fez uma guerra continua aos filhos da nossa terra, levando o systema de espionagem ao seu ultimo grão de perfeição, introduzindo a desconfiança por toda a parte, e por toda a parte deramando a morte, acabou finalmente; e como o povo francez que escrevia nas ruinas da Bastilha — « aqui dança-se — » nós podemos dizer com igual propriedade, que hoje se folga onde já se gemeu.

A infeliz raça hebreia foi, como todos sabem, um alvo constante de suas perseguições, já porque o fanatismo dos tempos a indigitava, já porque as suas riquezas a faziam objecto da cubica e do interesse, que transparece no meio da hypocrisia mal disfarçada dos filhos de S. Domingos.

Posto que esta rasão se não desse em Antonio José da Silva, que era ainda filho-familias, e que por tanto não tinha bens alguns; o certo é que foi accusado ao tribunal do santo officio, como vivendo na lei de Moysés.

A 8 de agosto de 1726 foi preso e conduzido aos carceres inquisitoriaes. Tinha o auctor 21 annos, e achava-se então em Lisboa em companhia de seu pae, que morava ao pateo da Comedia.

Levado perante os juizes o reu confessou ter por algum tempo voltado á antiga crença de seus maiores, mas que haveria dois mezes que arrependido a tinha deixado para seguir de novo a religião em que fora baptisado.

Em vista d'esta confissão o reu foi declarado, segundo as proprias expressões do libello: hereje, apostata de nossa santa fé catholica, ficto, falso, simulado, confitente diminuto e impenitente, sendo declarado por tal, e que incorreu em sentença de excommunhão maior e em confiscação de todos os seus bens para o Fisco e camara real, e nas mais penas de direito contra semelhantes crimes estabelecidas, e relaxado á justiça secular com a protestação ordinaria, feito em tudo inteiro cumprimento de justiça *omni meliori modo, via et forma juris*.

Embalde a prisão o esperava para ver se era levado á verdade movido do soffrimento. Finalmente não podendo por este meio arrancar-lhe a confissão dos suppostos crimes, a 23 de setembro foi posto no tormento. Sendo no meio delle admoestado para que dissesse as suas culpas, como respondesse que não tinha mais nada que declarar alem do que já tinha dito, foi-lhe continuado o martyrio; e sendo atado em oito partes, como diz o proprio processo, e levando meia volta em todas as ditas oito partes, que corresponde a um tracto corrido, a que tinha sido julgado, foi mandado desatar, e levado ao seu carcere depois de um quarto de hora de tormento.

Vinte e um dias tinham passado, e ainda não podia assignar o seu nome.

Visto porem, continua o processo, como o reu confessou suas culpas, e deu signaes de arrependimento, pedindo perdão e misericordia, é recebido no gremio e união da Santa Madre Igreja, como pede; e mandam os Inquisidores que em pena e penitencia das ditas culpas, vá ao auto publico da fé na forma constituida com carcere e habito penitencial perpetuo, n'elle oiça sua sentença e abjure seus hereticos erros em forma: será instruido nos mysterios da fé necessarios para a salvação de sua alma, e cumprirá as mais penas e penitencias espirituaes, que lhe forem impostas; e mandam que da excommunhão maior em que incorreu seja absoluto *in forma ecclesiae*.

A 23 de outubro foi o reu conduzido ao auto de fé, que se celebrou na igreja do convento de S. Domingos, estando presentes D. João V. os infantes D. Francisco e D. Antonio, os inquisidores e mais ministros da mesa, e muita nobreza e povo.

Livre da inquisição e dos seus algozes encontramos alguns annos depois o nosso auctor advogando em Lisboa.

Entre a epocha do seu primeiro processo e o anno de 1737 em que foi o segundo, teve Antonio José a infelicidade de perder seu pae, continuando a morar na companhia de sua mãe, que n'esse tempo residia ao Soccorro.

Quando é que n'elle se desenvolveu a propensão litteraria, ou quando começou a compor as suas comedias? não o podemos dizer, devendo-se com tudo conjecturar que seria pouco mais ou menos por estes annos.

O que sabemos positivamente é que era tido por todos como verdadeiro catholico e como homem de bons costumes.

Tendo casado em 1733 ou 1734 com Leonor Maria de Carvalho, christã nova, natural de Lisboa, de quem no fim de um anno teve uma filha, a que pôz o nome de Lou-

rença, disfructava as doçuras e os contentamentos dos mestiços, ganhando a vida honradamente na sua profissão de advogado, quando em 1737 uma nova tempestade se formou sobre a sua cabeça, mais temerosa ainda do que a primeira.

O raio que o devia ferir mortalmente partiu de sua casa e foi dirigido por uma das pessoas, que comiam o pão da sua meza.

Tinha a mãe de Antonio José uma escrava por nome Leonor, mulher de má vida, e que por entreter relações ilícitas desrespeitando a casa de seus amos, foi por elles castigada em diversas occasiões. Ajudava-a n'essas relações uma mulher que fora ama da filha do auctor, e que ainda estava na sua companhia, pelo que incorreu igualmente nas suas reprehensões. Exasperadas ambas pelo merecido castigo, aconselhava muitas vezes a segunda á primeira que fosse denunciar os seus senhores á Inquirição. pois era o unico meio de se ver livre delles.

Induzida por estes e outros conselhos, e pelo seu máu animo, foi a dita escrava accusar Antonio José ao Santo Officio, dizendo que guardava os sabbados, que jejuava judaicamente, e emfim que seguia em particular com os seus todos os ritos da lei de Moysés.

A 3 de Outubro era passada a ordem de prisão, e a 5 o réu foi entregue ao Alcaide e encarcerado.

D'esta vez tambem não era a cubiça que movia os Inquiridores, porque Antonio José pouco possuia, como consta do inventario que então lhe fizeram.

Perguntado se eram verdadeiras as culpas de que accusavam, mostrou a sua falsidade, e oppoz ás testemunhas contrarias outras em seu favor. Tudo foi de balde! Os depoimentos que provavam como elle era tido na melhor conta não só moral, mas tambem religiosa de nada valeram. Alguns d'elles eram dos proprios religiosos de S. Domingos, que certificavam ouvir o réu missa, confessar-se, e praticar todos os actos de perfeito catholico, e muitas vezes até deixar as suas obrigações para acompanhar o Senhor, se acontecia sair fora.

Denunciando-o dous companheiros de prisão por jejuar judaicamente, por lhes aconselhar que seguissem a lei de Moysés, e por escarnecer as practicas da nossa religião, a sua situação peiorou consideravelmente, e as esperanças de ainda se poder salvar foram-se a pouco e pouco perdendo.

Além d'isso os vigias depozeram contra elle provando que o réu tinha feito cinco jejuns nos carceres. Este depoimento, que merecia o maior credito pela maneira por que se adquiria o conhecimento do que se provava, perdeu completamente a causa de Antonio José.

Que tremendo desespero não havia de ser o de um homem na maior força da idade vendo chegar a morte a passo lento, hirta, impassivel e rodeada de martyrios!.. E deixar tudo que tanto o prendia a este mundo! a espoza que talvez o adorava depois de trez annos com o amor ferente de mãe, que ainda não perdeu as illusões de amante: a filha que principiava com o seu nome a balbuciar as primeiras palavras; a vida que talvez lhe apparecesse cercada de felicidades e de triumphos; e o theatro, o condão, que Deus lhe dera, e para que elle era arrastado irresistivelmente! Ver sumir-setudo o que mais lhe movia o coração diante de seus olhos quasi fechados pela morte mais cheia de tormentos, e em vez de tudo isso levantarem-se as chamas da fogueira, apinhar-se o povo na praça, cercal-o com a curiosidade e a veidez do tigre quando espera a preza, ouvir-lhe os gritos de alegria freneticos e repetidos, como os que d'antes soltava applaudindo as suas creações, e que agora só applaudiam o seu supplicio!

Que mudança e que espectáculo terrivel capaz de partir o coração ainda que fosse de bronze!

Finalmente depois de dous annos de duvidas continuas, e de continuos padecimentos arrastado pelos carceres da inquirição, foi o infeliz Antonio José declarado, como diz o processo, por convicto, negativo, pertinaz e relapso no crime de heresia e apostasia, e que foi hereje e apostata de Nossa Santa Fé Catholica, e que incorreu em sentença de excomunhão maior, e confiscação de todos os seus bens para o fisco e camara real, e nas mais penas de direito contra semelhantes estabelecidas, e como tal o relaxam á justiça secular, a quem pedem com muita instancia se haja com elle benigna e piedosamente, e não proceda a pena de morte, nem effusão de sangue.

A 16 de Outubro do anno que então corria, que era 1739 foi notificado para ir a 18, por ser domingo ao auto da Fé afim de ouvir a sua sentença; e logo pelos guardas dos carceres lhe foram atadas as mãos, ficando com o réu para tratar da sua alma o Padre Francisco Lopes da companhia de Jesus.

Era a hora de se consumir o sacrificio! A fogueira estava acceza, rodeavam a victima, e uma das esperançosas vocações da nossa litteratura ia pagar os erros do seu tempo, que não os seus, e satisfazer as iras do fanatismo.

Assim acabou infelizmente a sua curta existencia o malfadado e talentoso Antonio José com 34 annos de idade.

Depois que veio do Brazil, quando ainda creança, nunca mais voltou á sua patria, segundo elle mesmo confessa, e alem de Lisboa só sabemos que fosse lugar de sua residencia Coimbra em quanto andou estudando.

O auctor tinha dous irmãos, André Mendes da Silva, natural do Rio de Janeiro, e preso tambem nos carceres do Santo Officio por Christão Novo; e Balthazar Rodrigues, advogado, filho igualmente da mesma cidade, os

quaes moravam em sua companhia ao tempo do primeiro processo.

Era Antonio José da Silva, magro, alvo, de mediana estatura, cabello castanho escuro, feições miudas e pouca barba.

As obras que nos deixou, e que se acham impressas são as seguintes: *Labyrinto de Creta*, *As Variedades de Protheo*, *Guerras do Alecrim e Mangerona*, as quaes Barbosa na sua Biblioteca Lusitana dá estampadas, naturalmente pela primeira vez em 1737. Alem d'estas cita o mesmo auctor como manuscriptas: *Anfitrião*, *D. Quixote e Faeton*, que mais tarde se imprimiram.

J. RAMOS COELHO.

PRESENTE AO REI DE SIÃO.

O governo inglez celebrou no anno passado um tratado mui vantajoso de amizade e commercio com o reino de Sião, paiz ainda ha bem poucos annos tão vedado ao trato europeu como a China. Ha naquelle reino dois soberanos, um que governa superiormente e outro que é um principe subordinado ao primeiro; na actualidade são dois irmãos, muito instruidos nas sciencias e particularmente na astronomia, que tem introduzido em seus estados grandes melhoramentos e bastantes practicas da civilização europea, conhecem varias linguas orientaes, tem noções do latim e fallam e escrevem correctamente o inglez. A real sociedade asiatica nomeou-os seus socios. Por occasião do tratado ambos escreveram á rainha de Inglaterra, a qual lhes mandou um magnifico presente de varios objectos de baixella, entre elles o tinteiro, que vai representado na 1.ª pag. deste n.º — É obra do ourives P. G. Doad, talvez a mais perfeita em peças desta serventia, tanto no acabamento e bom gosto dos ornatos secundarios como na execução das figuras, que são emblemas de sciencias. É de prata, electro-dourada; e posto que o valor intrinseco não seja consideravel torna-se apreciavel como trabalho artistico.

M.

MISCELLANEA.

N'uma carta de Cantão (China) de 7 de março ultimo acham-se as seguintes particularidades curiosas.

«No primeiro d'este mez tivemos gelo, o primeiro e o ultimo do inverno que finda, e tambem o primeiro que vemos ha quatro annos. Fez logo depois delicioso tempo de primavera, de que muita gente se aproveita para excursões nos arredores da cidade. O sitio mais frequentado é um templo a distancia de obra de duas milhas, donde se disfructa uma vista magnifica do curso do rio e do paiz, cinco a seis milhas em redondo, porque o edificio tem assento em ponto alto. A tolerancia china já permite hoje tomar-se ali uma pequena collação ou merenda, e como o caminho para lá segue por meio de campos sem que seja preciso passar por aldeias, não ha que receiar injurias e clamores dos garotos e rapaziada china que nunca deixam de apupar os estrangeiros.

Ha dez annos ninguem ousaria dar cem passos fora da feitoria europea, porque os chins divulgavam que havia ali perto um grande abysmo onde irremediavelmente pereciam os atrevidos. Os missionarios foram os primeiros que se aventuraram, e achou-se que o dicto, como quasi todas as narrações dos chins, era fabula. É certo, porém, que n'outro tempo os mandarins não deixariam impunes semelhantes tentativas, e lhes aguarium o gosto assalariando gente para estorvar e incommodar os estrangeiros em quaesquer digressões que intentassem; agora mudou a scena, não somos malquistos, principalmente os que negoceiam, e até dizem que a presença dos estrangeiros é bom exemplo para o povo.

M.

Uma tentativa de envenenamento por um marido contra sua mulher, em Zevenhuisen na Hollanda, saiu fatal para o auctor do crime. O assassino escolheu a occasião do jantar para deitar peçonha no prato da consorte, que momentaneamente se ausentára. Assim que esta voltou e se pôz á meza, o marido procurou um pretexto frivolo para levantar-se.

A mulher ia começar a refeição, mas de subito uma aranha desprendida do tecto caé-lhe no prato; tira o insecto, porem o nojo, que o é só para quem vê as couzas, resolve-a a trocar o seu prato pelo do marido, que tornando d'ahi a poucos minutos come desprevenido, e expira dentro em poucas horas soffrendo intensas dores, que o obrigam a confessar o seu crime.

M.

Segundo o *Jornal de Birmingham* tendo a familia real d'Inglaterra passado á residencia de Osborne na ilha de Wight, como faz frequentemente; n'uma occasião a prole da rainha Victoria divertia-se á beira do lago: o principe de Galles, separou-se dos outros meninos e encontrou um rapaz que apanhava mariscos e já tinha um cabaz cheio; pensando que podia fazer quanto lhe desse na veneta, tomou por divertimento derrubar o cestinho; o ra-

paz marisqueiro quezilou e disse-lhe: «se o fizer outra vez saberá o que lhe acontece.» — Pois então (retrucou o principe), mette lá as conchas no cabaz e verás o que faço.»

Palavras ditas, cabaz cheio de novo, e outra vez entornado; a recompensa foi uma violenta punhada na cara do principe que lhe fez inchar os beiços e o nariz, como se tivesse combatido no jogo do soco.

Notou a rainha aquella alteração no rosto do filho, e perguntou-lhe a causa; calou-se este a principio e depois confessou a verdade. — «Recebeste (disse a mãe) o que mereceste, e se não fosse já um castigo, eu t'o daria bem severo; se fizeres outra, conta que não te hei de poupar.»

A rainha mandou chamar o rapazinho pobre e seus paes, que compareceram no dia seguinte á hora marcada, e fez-lhes saber que a educação do marisqueiro corria d'ali por diante por conta da real casa.

M.

Em data de 26 de maio, le-se no *Phare de la Loire*, que sae á luz em Nantes. — «É constante que todas as auctoridades civis e militares assistem á procissão do Corpo de Deus. No passado anno de 1855 levantou-se uma questão de precedencia de lugares entre a magistratura e os militares, que foi decidida a favor da primeira. Suscitando-se novamente a mesma contenda neste anno quasi ao sair da cathedral a procissão, succedeu ser a decisão contraria ao corpo judicial, e o resultado foi que nem o tribunal civil nem o de commercio figuravam no prestito religioso; só tres juizes de paz appareceram.

M.

Os magistrados devem fazer o que as leis ordenam; porem as leis são o que os magistrados querem.

—No systema constitucional os ministerios devem saír das maiorias; no systema falsificado as maiorias são formadas pelos ministerios.

—Se queres ter sempre aberto o cofre dos favores, nunca te mostres ingrato ao bemfeitor.

—A fama dos grandes homens, e dos grandes feitos, cresce ao longe; diminue ao perto.

—As sciencias, as artes, e a virtude são os melhores dotes, que os paes podem dar a seus filhos.

—Desconfiar se deve d'aquelle, em cuja boca só se acham louvores, e encomios á propria honra, e probidade.

—Dos máus antes venha a satyra, que o louvor.

—O luxo enriquece dez productores, e empobrece mil consumidores.

—Quem contrahe o habito de mentir, ainda que queira, custa-lhe a fallar verdade.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRA PUBLICADA PELO EDITOR DA ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA. — RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 24.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

A SOCIEDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. 400

AS DUAS EPOCHAS DA VIDA, comedia em dous actos por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. 240

CAMÕES E O JÃO, scena dramatica em verso por Casimiro Abreu. 100

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo auctor.

No Prêlo:

POESIAS de J. S. Mendes Leal, 1 vol. 8.º fr.

A VISO.

Roga-se aos srs. Assignantes tanto das Provincias como da Capital que não tem satisfeito as suas assignaturas, o obsequio de o fazerem com a possivel brevidade; os das Provincias pelo seguro do correio, e aquelles da Capital dirigindo-se á loja do Edictor, rua do Ouro n.º 227.

O Edictor espera que os srs. Assignantes reconhecendo a justiça d'este seu pedido serão, como cavalheiros, promptos em o satisfazer.